

AS RELAÇÕES SEMÂNTICO-LEXICAIS EM TEXTOS ESCRITOS POR GREGÓRIO DUVIVIER

THE SEMANTIC-LEXICAL RELATIONS IN TEXTS WRITTEN BY GREGORIO DUVIVIER

Juliana Bertucci Barbosa¹
julianabertucci@ielachs.uftm.br

Letícia Alvarenga de Paula²
leticiaalvarenga@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo propõe uma análise acerca do processo referencial nominal, realizado por anáforas, em crônicas de uma coluna opinativa, veiculadas no ano de 2015, na Folha de S. Paulo, escritas por Gregório Duvivier. Como aporte teórico, utilizamos os estudos de Koch (2004), Marcuschi (2008), Penna (2006), Roncarati, (2010), entre outros, em uma análise que compreende o processo referencial como um trabalho criativo e estratégico que visa à construção do sentido e do viés irônico.

Palavras-chave: Linguística Textual. Referenciação. (Re)categorização. Coesão Lexical.

Abstract: This paper proposes an analysis of nominal reference processes resultant from anaphora, in opinion articles written by Gregório Duvivier and published in 2015, on Folha de S. Paulo newspaper. As a theoretical framework, we use Koch's studies (2004), as well as Marcuschi's (2008), Penna's (2006), Roncarati's (2010), among others, and the analysis comprises the reference process as a creative and strategic work which aims at constructing meaning and irony.

Keywords: Textual Linguistics. Referentiation. (Re)categorization. Lexical Cohesion.

1 Introdução

A Linguística Textual, de acordo com Fávero e Koch (1994, p. 11), ocupa-se de tomar o texto “como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem”. Partindo dessa concepção de texto como lugar de “manifestação da linguagem” e do pressuposto de que, ao interagirem, os sujeitos constroem significados – atividade esta a que Koch e Marcuschi (1998, 1999) chamam “referenciação” –, neste artigo, buscamos investigar um dos fatores que conferem ao texto sua textualidade: a coesão referencial. Nas palavras de Koch (1991, p. 31), tal mecanismo trata-se daquele “em que um componente da

¹ Professora Doutora de Língua Portuguesa e Linguística no curso de Letras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

² Graduada em Letras (Português/Inglês) na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual.” Focalizaremos, especificamente, a coesão referencial lexical, que pode aparecer das mais várias formas, dentre elas, por exemplo, por meio do emprego de sinônimos, nomes genéricos, hiperônimos e hipônimos.

Segundo Koch (1991), a referenciação por formas nominais é um dos recursos que contribui na construção de sentidos e, portanto, na progressão textual. Cabe ainda mencionar que pensar progressão textual leva-nos a investigar, principalmente, o papel das anáforas, uma vez que se trata de um elemento de grande importância na manutenção temática.

Para analisar a coesão anafórica por formas nominais, construímos um *corpus* composto por textos publicados na *Folha de S. Paulo*, escritos por Gregório Duvivier no ano de 2015. Dessa forma, além dos propósitos de análises referenciais, pretendemos, também, investigar como essas formas remissivas podem, por exemplo, estabelecer sentidos de humor (ironia) e criticidade no texto.

As seções deste artigo foram organizadas da seguinte forma: **2. Coesão e coerência textual**, em que apresentamos concepções de texto e de coesão e coerência; **2.1 Referenciação lexical**, em que realizamos uma sucinta descrição dos tipos de recursos coesivos lexicais, segundo Koch (2004); **2.2 Resultados de outras pesquisas**, em que apresentamos contribuições aos estudos linguísticos no campo referencial (principalmente, coesão semântica); **3. O corpus da pesquisa**, em que, além de tecermos comentários sobre o autor dos textos de nosso *corpus* e suas particularidades de escrita, justificamos a pertinência de nossa escolha; **4. Procedimentos metodológicos**, em que fazemos uma breve explanação dos critérios de escolha do *corpus* e da metodologia utilizadas neste artigo; e por fim, **5. Análise dos dados**, seção em que apresentamos as ocorrências encontradas em nosso *corpus*, buscando relacionar o conteúdo teórico às análises dos dados.

2 Coesão e coerência textual

A textualidade ou textura é o que faz de uma sequência de frases um texto, ou seja, segundo Koch e Travaglia (1991, p. 26), “a sequência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global.” Ainda, de acordo com Koch (1999, p. 25), um texto se constitui como tal “no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva,

sociocultural e interacional são capazes de construir, para ela, determinados sentidos”. Dessa forma, como propõe Marcuschi (2008), o texto é um “evento comunicativo”, assim, quando nos voltamos à leitura de algum texto, buscamos pelo elo de significado, pelo sentido presente na trama textual e pela articulação das palavras.

No texto escrito, a coesão e a coerência auxiliam, por exemplo, no esclarecimento das informações dadas. A coesão, para Koch (1999, p. 24), contribui na percepção da “coerência na compreensão dos textos, porque é resultado da coerência no processo de produção desses mesmos textos”. Portanto, a coesão é um fenômeno que diz respeito “ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos” (KOCH, 1999, p. 35). Já a coerência depende de elementos linguísticos, do conhecimento de mundo e de fatores pragmáticos e interacionais. Ou seja, a coerência está relacionada “ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos” (KOCH, 1999 p. 41).

Neste artigo, como já mencionado, focalizamos nossa análise, especificamente, na coesão. No livro *Lutar com palavras: coesão e coerência*, Antunes (2005, p. 48), retomando o proposto por Koch, afirma que “a função da coesão é exatamente a de promover a continuidade do texto, a sequência interligada de suas partes, para que não se perca o fio de unidade que garante a interpretabilidade”. Assim, concordando com as autoras, podemos afirmar que é, justamente, por ser a coesão um fator fundamental que garante a textualidade do texto, que escolhemos pesquisar essa área e suas implicações.

A coesão, segundo Halliday e Hasan (apud KOCH, 1991, p.19-20), pode ser realizada nos textos por meio de distintos mecanismos, dentre os quais, escolhemos a coesão lexical para análise nesta pesquisa. Tal recurso é entendido por meio de reiteração (repetição de um mesmo item lexical, sinônimos, hiperônimos ou nomes genéricos). Assim, em nossa pesquisa, como já mencionado anteriormente, investigaremos a cadeia coesiva lexical em um *corpus* composto por textos da *Folha de S. Paulo* escritas por Gregório Duvivier e publicadas de janeiro a dezembro de 2015.

Consideramos que, quando o assunto é coesão, muitas são as pesquisas existentes, pois se trata de uma área bastante abrangente, porém, em nosso trabalho, voltaremos às análises para as formas remissivas lexicais que, de acordo com Koch (1991, p. 35), são “grupos nominais definidos que, além de fornecerem, em grande número de casos, instruções de concordância, contêm, também, instruções de sentido”. No entanto, não poderíamos deixar de, pelo menos, mencionar que muitos são os mecanismos de coesão possíveis, dentre

eles estão: anáfora (indireta e direta), catáfora, elipse, paralelismo e paráfrase, recursos elencados por Antunes (2005). Entretanto, como delimitação da pesquisa, conforme já destacado, analisaremos apenas o que se refere à remissão por coesão lexical.

2.1 Referenciação: anáforas nominais

Nas cadeias referenciais, “qualquer formulação sempre será provisória, adaptativa e variável, em função do tipo textual ou do gênero textual da fala ou da escrita com que estivermos lidando” (RONCARATI, 2010, p. 80). A coesão lexical se dá por meio de mecanismos de repetição e de substituição lexical (relação de reiteração) e por meio de associação, em que ocorrem procedimentos de seleção lexical, ou seja, dizem respeito às relações entre as palavras de mesmo campo semântico. Assim, investigamos, neste artigo, os elos coesivos que proporcionam os nexos de reiteração e associação semântica.

Os elos coesivos por substituição lexical, que adotamos para análise neste artigo, podem apresentar-se em três grandes blocos, conforme proposto por Koch (2004):

Quadro 1: Tipos de anáforas

1. Anáforas correferenciais sem Recategorização	1.1 Repetição total ou parcial 1.2 Sinonímia
2. Anáforas correferenciais recategorizadoras	2.1 Hiperonímia/Hiponímia 2.1 Retomada por termo genérico 2.2 Retomada por descrições nominais
3. Anáforas não correferenciais	3.1 Anáforas Indiretas 3.2 Anáforas Rotuladoras 3.3 Anáforas Metadiscursivas

Fonte: Koch (2004).

Como podemos observar no Quadro 1, no grupo 1, das “Anáforas correferenciais sem recategorização”, temos a coesão por “repetição total ou parcial”. Como o próprio nome sugere, trata-se de utilizar o mesmo léxico para fazer retomadas ao decorrer do texto de forma “significativa para a construção de sentido” (KOCH, 2004, p. 245). Segue um exemplo³:

³ Os exemplos apresentados nesta seção foram retirados do livro *Sentido e Significação* (2004), mais especificamente do capítulo intitulado “Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial” de autoria de Ingedore G. Villaça Koch, sendo os grifos todos da autora.

(01) Durante a conferência, o Professor Doutor José Mendonça pediu a palavra. **O professor** insinuou que o conferencista estava cometendo um sério engano (KOCH, 2004, p. 246).

Como podemos verificar, é evidente a utilização do recurso coesivo nesse exemplo (01), uma vez que “o Professor Doutor José Mendonça” foi retomado na oração seguinte como “O professor”, aparecendo, também, como, “o Professor Doutor”, “O professor José Mendonça”, “o professor Mendonça”. Tais retomadas foram realizadas por repetição parcial (“professor”) e por repetição total “o Professor Doutor José Mendonça”.

Ainda no Quadro 1, temos a retomada por “sinonímia”. Partindo do pressuposto de que não existem sinônimos perfeitos, a relação de referência estabelecida por meio desse mecanismo dá-se a partir do contexto em que será inserido. É possível compreender mais claramente no exemplo:

(02) Deixe-me examinar melhor o seu **artelho**. À primeira vista, não me parece que o **dedo** esteja fraturado (KOCH, 2004, p. 247).

Chamamos a atenção para o que ressalta Koch (2004) sobre a escolha pelos sinônimos ser feita de acordo com o gênero textual, a variedade linguística ou opção estilística do produtor. Sendo assim, notamos, no exemplo (02), que “artelho” e “dedo” são sinônimos dentro do contexto em que aparecem no texto. Assim, como já destacado anteriormente, o contexto exerce papel fundamental na retomada por sinonímia, pois os léxicos utilizados muitas vezes somente serão sinônimos dentro da situação empregada, como foi o caso do exemplo (02).

No Quadro 1, no grupo 2, das “Anáforas correferenciais recategorizadoras”, encontramos a coesão por “hiperonímia”, que representa uma recategorização por termos de “menor grau”, como postula Koch (2004). Nesse tipo de mecanismo de coesão, a escolha não ocorre apenas na retomada por hiperonímia, mas também na associação ao termo anteriormente utilizado, estabelecendo uma relação de menor grau de conhecimento (termo mais genérico). Por exemplo, *veículo* é hiperônimo de *carro* e *ônibus*, considerados hipônimos. Koch (2004, p. 248) reitera que um hiperônimo “se ‘ajusta’ ao antecedente, ou seja, selecionam-se apenas aqueles de seus traços que a ele se ajustam”; em outras palavras, quando optarmos pela utilização de *veículo*, há inúmeras possibilidades de hipônimos, portanto, há um “menor grau” de conhecimento da recategorização. Isso quer dizer que *veículo* é uma palavra que pode ser utilizada para diferentes meios de locomoção, e, quando

empregada, apresenta "menor grau" de conhecimento no texto, ou seja, é um termo mais genérico. Para que fique mais evidente esse recurso em uso, segue o exemplo:

(03) A **aeronave** teve de retornar à pista. O **aparelho** estava com defeito.

Nesse exemplo, vemos que a retomada é construída a partir do emprego do hiperônimo (de aeronave) "aparelho", apresentando uma relação de menor grau de informação, ou seja, é um termo menos específico.

No grupo 2, ainda temos a retomada por "termo genérico" muito utilizada por ser, de acordo com Koch (2004), de maior custo processual, ou seja, são termos mais fáceis de serem lembrados e podem ser aplicados a diferentes situações. Esses termos podem ser "coisa", "trem", "negócio", entre outros. Vejamos um exemplo:

(04) A polícia que investiga as mortes do Zoológico de São Paulo trabalha com duas hipóteses: envenenamento criminoso ou transmissão do veneno via ratos. Na última semana, a polícia apreendeu em uma loja de São Paulo frascos de um veneno cuja fabricação e venda estão proibidos no Brasil. **O material apreendido** contém a mesma substância encontrada nas vísceras dos animais mortos, o fluoracetato de sódio. (KOCH, 2004, p. 251).

Em (04), verificamos que a retomada é realizada pelo uso da genérica expressão "o material apreendido". Essa remissão poderia designar diferentes tipos de materiais por se tratar de um termo genérico, mas, nesse caso, refere-se ao "fluoracetato de sódio".

Koch (2004), sobre o grupo 2, destaca a retomada por "descrições nominais". Esse recurso coesivo consiste na remissão realizada por um sintagma, geralmente, composto por "nome + um determinante e/ou modificador"⁴, como mostra o exemplo:

(05) Voltando à pergunta inicial: há sim quem tenha esquecido o relatado acima. Entre **o pessoal de memória curta**, está a maioria dos conselheiros do Cade, que, após uma inacreditável demora de dois anos, anulou a compra da Garoto, recolocando-a na trilha da incerteza (KOCH, 2004, p. 252).

Esse recurso de coesão, citado anteriormente, é utilizado para trazer fatos desconhecidos sobre o referente para o conhecimento do leitor, como também para apresentar "características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar", como explica Koch (2004, p. 252).

Por fim, temos o grupo 3, das retomadas não correferenciais. Nesse grupo, Koch (2004) insere as "anáforas indiretas", ou também conhecidas como anáforas "associativas". Para

⁴ "Entende-se *determinante* como artigo definido ou indefinido, numeral, e pronome possessivo, indefinido ou demonstrativo; e *modificador* como adjetivo, advérbio, sintagma preposicionado ou oração relativa. Em outros termos, o SN pode ser de caráter nominal, advérbio-nominal, verbo-nominal." (FRANCISCO, 2007, p. 03).

Antunes (2005), a anáfora associativa, além de estabelecer uma articulação entre as palavras, também é o que confere ao texto “interesse, relevância e, por vezes, graça” (ANTUNES, 2005, p. 132). Assim, a associação, em um texto, é dada por meio de palavras que se ligam por fatores inúmeros, como motivações próprias de um determinado grupo cultural, num certo momento de sua história, a partir daquilo que é usual ou típico desse grupo.

Esse tipo de coesão por associação não é algo que possa ser listado de maneira fechada, ou seja, define-se um grupo de palavras pertencentes a esse mecanismo e tem-se uma regra. A coesão por associação parte de uma atividade discursiva que estabelece uma unidade/laço de sentido. Vejamos o exemplo:

(06) Há alguns anos, **as pichações** que passaram a borrar as casas, edifícios e monumentos de São Paulo e de outras grandes cidades brasileiras começaram a ganhar características novas. Pode-se questionar se políticas apenas repressivas são a melhor forma de enfrentar o problema – ainda que nesse quesito, elementar, o poder público pareça complacente, já que, conforme a reportagem, **as gangues** reúnem-se semanalmente com hora e local marcados. Merecem apoio iniciativas que possam, de forma positiva, atrair os pichadores para atividades menos predatórias (KOCH, 2004, p. 254).

O exemplo acima aponta uma ocorrência de coesão por associação, em que os termos “as pichações” e “as gangues” estabelecem uma unidade de sentido. O termo “as pichações”, termo primeiro, servirá de âncora para o termo segundo, “as gangues”. Essa associação “se constrói inferencialmente, a partir do co-texto, com base em nosso conhecimento de mundo” (KOCH, 2004, p. 254).

Ainda dentro do grupo 3, temos a “anáfora rotuladora”, que se caracteriza pelo uso de uma forma nominal para recategorizar segmentos precedentes do contexto, resumizando-os ou encapsulando-os sob um determinado rótulo. Essas anáforas são, geralmente, introduzidas por um demonstrativo e desempenham, segundo Koch (2002, 2004), duas funções textuais essenciais: rotulam uma parte do co-texto que as precede, estabelecendo, assim, um novo referente e operam uma recategorização ou refocalização do referente. São, pois, formas híbridas, que exercem funções referenciadoras e predicativas, e veiculam tanto informação dada, como informação nova. Vejamos um exemplo:

(07) O que aprendem os militares nas suas escolas? O que aprendem os policiais em suas academias? Pagamos impostos para colocar armas nas mãos dessas pessoas, servidores públicos como quaisquer outros, mas não temos muita noção de como são formados. Ou melhor, vemos indícios de como são instruídos quando temos de deplorar policiais facinorosos, quadrilhas de delegados federais e acintes como essa nota do Comando do Exército que louvou tortura, assassinato e ditadura. A história dessa nota insolente, atrevimento de resto inconstitucional, ainda não terminou. Primeiro, porque ainda não está esclarecido quem a redigiu, quem a despachou e quem autorizou toda a lambança. A depender dos esclarecimentos, teria de haver a demissão do comandante do Exército ou, se tudo foi obra de um general subordinado, em prisão por motivo disciplinar e banimento da lista de promoções. Segundo,

porque há militares capazes de redigir tais desplantes. Pior ainda, diz-se que o general relações-públicas que teria soltado a nota é inimputável, pois o texto é apenas a resposta padrão do Exército a perguntas sobre a repressão [...] (Torres Freire, Vinícius. *Quem educa os militares*. FSP 25/10/04). (PENNA, 2006, p. 1307).

Nesse exemplo (07), segundo Penna (2006), o sintagma rotulador “acintes” introduz no texto uma expressão inteira [essa nota do comando do exército que louvou tortura, assassinato e ditadura], que é retomada nos parágrafos subsequentes por “essa nota insolente; lambança; tais desplantes e o texto” [quando introduz um segundo ponto de vista]. Essa retomada, um importante recurso de estratégia de linguagem, aponta a apreciação do autor.

Por fim, ainda no grupo 3, temos a “anáfora metadiscursiva”⁵. Tal anáfora, segundo Jubran (2003 apud Koch, 2004), é um tipo particular de rotulação, pois não se sintetiza o conteúdo de um segmento textual precedente, mas se focaliza a própria atividade enunciativa, qualificando esse segmento como determinado tipo de ação ou atividade metadiscursiva. Segue um exemplo:

(08) Políticos procuraram o empresário Antônio Ermírio de Moraes, sugerindo que ele saia candidato a prefeito de São Paulo. Prometeram apoio do PTB, do PSDB e de um terceiro partido e apresentaram até uma pesquisa em que o empresário aparecia à frente de Marta Suplicy. Ermírio, que não esquece o jogo pesado por que passou na derrota ao governo paulista em 1986, resistiu. Nem sabe se a sua filiação ao PTB continua válida. Mas **a simples sondagem** demonstra o estado emocional dos opositores da petista. (Época, 16 /03/ 04). (KOCH, 2004, p. 258).

Como podemos observar em (08), a expressão “a simples sondagem” sumariza a atividade enunciativa exposta anteriormente sobre ação dos políticos em São Paulo.

Assim, neste artigo, utilizaremos como categorias de análise a classificação proposta por Koch (2004) para os tipos de anáforas nominais encontradas em nosso *corpus*.

1.1 Casos de anáforas nominais: resultados de algumas pesquisas

O campo da Linguística no qual se insere este trabalho, ou seja, a Linguística Textual, recebe contribuições de diversos pesquisadores, registradas em diferentes teses, dissertações e artigos. Para ilustrar algumas dessas pesquisas, selecionamos trabalhos relacionados com o tema de nossa investigação. Cabe mencionar que, segundo Roncaratti (2010), os diversos tipos de textos selecionam estratégias diferenciadas para marcar a progressão referencial.

⁵ Vale ressaltar que a denominação proposta por Koch (2004) é “rotulação metadiscursiva”, entretanto utilizaremos o termo “anáfora”, buscando padronizar a nossa classificação.

Assim, a análise de textos de tipos diversos e do processo de produção/reformulação de textos pode levar à confirmação ou revisão tanto do conjunto de estratégias proposto quanto de sua associação aos tipos de textos. Por isso, a análise das relações coesivas semântico-lexicais nas crônicas de Duvivier é pertinente.

Um trabalho recente sobre anáforas associativas, em textos extraídos de jornais, é o de Cavalcanti (2010). No artigo “A coesão no texto jornalístico: hipônimos e hiperônimos como auxiliares da construção de sentido”, Cavalcante (2010) propõe uma análise de coesão lexical, buscando evidenciar a importância dos recursos coesivos nos textos e como colaboram com a construção de sentido.

O pesquisador faz um levantamento do uso e da frequência das aplicações de hiperônimos e hipônimos, chegando à conclusão de que esses recursos são “largamente” utilizados nos jornais e conferem não só significado ao texto, como também leveza, afirmando que “além de contribuir para a riqueza textual, sem repetições demasiadas, contribui para manter o leitor focado no eixo central da notícia” (CAVALCANTE, 2010, p. 6).

Por exemplo, o trecho selecionado pelo autor, do jornal A Tribuna, “Todos os países que atingiram um nível elevado de desenvolvimento [...]. E qualquer nação que desejar alcançar o mesmo sucesso terá de seguir esse caminho [...]. Foi o que fez, por exemplo, a Coreia do Sul há algumas décadas” (CAVALCANTE, 2010, p. 5), apresenta um hiperônimo “países” que vai diminuindo seu grau de recategorização para “nação” e, por fim, para um hipônimo de maior grau, “Coreia do Sul”. Nesse exemplo fica evidente o emprego dos recursos linguísticos de recategorização, com o intuito de construir um texto evitando repetições que provoquem confusão ou desqualificação do texto.

Já Seide (2009) analisou elementos de coesão lexical utilizados em alguns textos extraídos das revistas nacionais *Veja*, *Época* e *Isto é*; para tanto, partiu de duas noções básicas: referência e atribuição de propriedade. Suas análises apontaram que a escolha por um ou outro elemento coesivo não é aleatória, observando, principalmente, que o emprego

- (i) de nomes próprios e de hiperônimos, como sinônimos textuais, não atribui propriedades ao referente, como, por exemplo⁶, respectivamente, “Léo” e “substância”;
- (ii) de sinônimos (lexicais ou textuais) pode apresentar função atributiva e ter um papel importante no processo de referenciação pautado na categorização e /ou

⁶ Os exemplos (i) e (ii) foram retirados do artigo “Funções discursivas da coesão lexical em textos do gênero jornalístico”, Seide (2009).

recategorização dos referentes discursivos. Por exemplo: “o pai de família violento de A Favorita”.

Outra pesquisa foi a de Bezerra (2013), que investigou a anáfora por formas nominais em textos de livros didáticos, partindo também da proposta de categorias referenciais de Koch (2004), as mesmas que utilizaremos neste artigo. Nesse trabalho, a autora concluiu que o tipo de anáfora não-correferencial mais empregado nos textos analisados foi a anáfora indireta (53%). Isso ocorreu, de acordo com Bezerra, pois nos livros didáticos do *corpus* predominou o gênero literário, cujos textos, geralmente, caracterizados como mais longos, envolvem diversas histórias e personagens, o que facilita a introdução de novos termos no texto, relacionados a um antecedente por meio de um processo de inferenciação.

Bezerra ainda observou que a anáfora rotuladora também foi utilizada de forma produtiva (42% das ocorrências). Esse resultado foi justificado, em tal pesquisa, por esse tipo de anáfora realizar-se a partir de rótulos que, geralmente, funcionam sob a forma de substantivos, sem requerer um significado específico. Daí a abertura para que diferentes nomes possam funcionar como rótulo na interpretação de textos.

A autora ainda destaca que a anáfora metadiscursiva foi utilizada em um número bem menos significativo (5% das ocorrências). Esse tipo de anáfora, segundo Bezerra, ao contrário da anáfora rotuladora, faz uso de termos mais restritos, que atribuem um significado mais específico em relação ao conteúdo que sumariza.

Diante dessa conclusão, estabelecemos algumas comparações entre nossa pesquisa e as citadas, com intuito de evidenciar as ramificações e as análises possíveis dessa área da linguística. Notamos que as pesquisas citadas fizeram um recorte dos recursos coesivos lexicais que investigaram, entretanto, neste trabalho, optamos por fazer um levantamento das diferentes possibilidades de retomadas por mecanismos lexicais presentes nos textos de Gregório Duvivier para, então, só depois identificarmos qual foi a mais utilizada e qual a sua função no texto (intencionalidade).

Como já foi mencionado, como *corpus* da nossa pesquisa, selecionamos crônicas de Gregório Duvivier publicadas na *Folha de S. Paulo*. Duvivier é escritor, humorista e ator, criador do canal Porta dos Fundos⁷ no Youtube e autor de alguns livros, como *A partir de amanhã eu juro que a vida vai ser agora*. Escreve para a *Folha de S. Paulo* às segundas-feiras sobre assuntos diversos, desde particularidades da política, educação, amizade entre cronistas e até um tema aparentemente irrelevante, como um mamão mofado. Vejamos um exemplo:

⁷ Endereço do canal: <<https://www.youtube.com/user/portadosfundos>>.

(9) Em tempos de ódio, outro dia surgiu a pergunta no Facebook: o que fazer com os amigos que curtem a página do Bolsonaro? Pensei (não sem engulhos) que a minha avó talvez fosse uma dessas pessoas. E me lembrei de que tem pessoas maravilhosas do lado de lá. Bloquear não pode ser a solução. Vamos trazer as diferenças para perto, tocar marchinha, oferecer biscoito de gengibre – sem perder a ternura jamais. (DUVIVIER, 2015a).

Assim, podemos afirmar que Duvivier tem um jeito ímpar de escrever e provoca o leitor com ironias sobre as temáticas abordadas. Um exemplo disso é o trecho “Você sabe que lá fora você pode abrir seu laptop na praça, pode deixar a porta aberta, a bicicleta sem cadeado. Mas lá fora, não esqueça, é você quem limpa a sua privada. Você já relacionou as duas coisas?” (DUVIVIER, 2015b). Por isso, escolhemos alguns de seus textos publicados no jornal para servir como *corpus* deste trabalho.

Não poderíamos deixar de mencionar que os textos selecionados para nosso *corpus* possuem uma característica especial, no que diz respeito ao gênero, pois um de nossos textos se apresentará como carta, mas não deixa de ser, no entanto, uma coluna de opinião. Essa particularidade vai ser reconhecida por Marcuschi (2008) como “intergenericidade”, pois, esse conceito é utilizado “para designar esse aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro”.

O motivo pelo qual escolhemos trabalhar com essa coluna do jornal escrita por Duvivier não se deve apenas ao fato de termos encontrado fragmentos que se apoiam nos recursos coesivos lexicais, mas, também, devido a seu caráter humorístico regado à ironia que sabe explorar os recursos coesivos do léxico, trazer informações e refletir a intenção discursiva do escritor. Portanto, nosso intuito é investigar as análises da coesão lexical e relacioná-las ao processo de referenciação empregado na construção de sentido.

4 Procedimentos metodológicos e *corpus*

Primeiramente, em uma etapa inicial da pesquisa, realizamos leituras sobre referenciação para fundamentação teórica e compreensão do tema. Paralelamente, fizemos a montagem do nosso *corpus*: doze textos escolhidos aleatoriamente da coluna de opinião da Folha de S. Paulo, escritos por Gregório Duvivier no ano de 2015 (um por mês).

Após a organização do *corpus*, selecionamos as ocorrências de referenciação por formas nominais e as analisamos seguindo a classificação de Koch (2004), descrita na seção 2.1 deste artigo:

- a) Grupo 1: anáfora correferencial sem recategorização:
- anáfora por repetição total ou anáfora por repetição parcial;
 - anáfora por sinonímia.
- b) Grupo 2: anáfora correferencial com recategorização:
- anáfora por hiperonímia;
 - anáfora por termo genérico;
 - anáfora por descrição nominal.
- c) Grupo 3: anáfora sem retomada de antecedentes textuais (não correferenciais):
- anáfora indireta;
 - anáfora rotuladora;
 - anáfora metadiscursiva.

Dessa forma, buscamos investigar como o autor expressa valores próprios e/ou sociais, pertencentes a um grupo de pessoas ou a toda a sociedade, em seus textos, por meio do elo coesivo.

5 Análise da referenciação anafórica por formas nominais

A todo o momento, ao escrevermos e falarmos, utilizamos recursos coesivos para garantir ao texto uma articulação, pois “a função da coesão é exatamente a de promover a *continuidade do texto*, a sequência interligada de suas partes, para que não se perca o fio de unidade que garante a sua interpretabilidade” (ANTUNES, 2005, p. 48). Dessa forma, “o termo *cadeia coesiva* foi usado por Halliday e Hasan em 1997, para caracterizar sequências cujos itens se referiam imediatamente ao contexto precedente” (RONCARATI, 2010, p. 80).

Sendo assim neste trabalho, como dito anteriormente, buscamos analisar a cadeia coesiva referencial presente nos textos escritos por Duvivier. Para isso, realizamos um levantamento dos tipos de retomadas, de acordo com a classificação do Quadro 1, encontradas no *corpus*. Assim, uma vez selecionadas as ocorrências e classificadas, chegamos ao seguinte resultado geral (Quadro 2).

Quadro 2: Resultados gerais

Blocos	Quantidade
Grupo 1: anáforas correferenciais sem recategorização	106
Grupo 2: anáforas correferenciais recategorizadoras	48
Grupo 3: anáforas não correferenciais	04

Fonte: elaborado pelas autoras.

Entre os três grupos presentes no Quadro 2, evidenciamos a maior ocorrência do primeiro, Anáforas correferenciais sem recategorização, com cento e seis casos, e, em seguida estão as Anáforas correferenciais recategorizadoras e Anáforas não correferenciais. Diferentemente do esperado – de que os recursos do grupo 2, em especial as descrições nominais, fossem mais empregados por garantirem ao referente particularidades e torná-los singular no texto –, as anáforas sem recategorização mostraram-se mais utilizadas pelo autor do que as anáforas recategorizadoras. Esse resultado aponta para um caráter mais particular e individual da escrita do autor Duvivier.

Para entendermos esses resultados e refinarmos a análise, recorreremos aos subgrupos de cada um dos tipos de anáforas apontadas por Koch (2004). Assim, nos quadros 3, 4 e 5 que aparecerão a seguir, reunimos os tipos específicos de mecanismos coesivos utilizados por Duvivier, nos textos do *corpus*.

Em relação às remissões realizadas por anáforas correferenciais sem recategorização, observamos o seguinte resultado:

Quadro 3: Resultados das Anáforas correferenciais sem recategorização

Bloco	Tipos	Quantidade
Grupo 1: anáforas correferenciais sem recategorização	1.1 Repetição total ou parcial	102
	1.2 Sinonímia	04

Fonte: elaborado pelas autoras.

Como se vê, no Quadro 3, dentro do grupo 1 (anáforas correferenciais sem recategorização), temos como mais produtivos os casos de repetição total ou parcial do referente, com cento e duas ocorrências. Um exemplo do emprego desse mecanismo é o que acontece na crônica “Por que odiar o PT” (DUVIVIER, 2015c), em que a ideia de repetição do núcleo nominal ocorre por meio das palavras “Lula”, “PT” e “Brasil”. Tal repetição,

obviamente, está intrinsecamente ligada a um conhecimento de cunho político, afinal o ex-presidente do Brasil, Lula, é filiado ao PT (Partido dos Trabalhadores).

Nesse exemplo, o referente “Lula” foi retomado por sete vezes ao longo do texto, enquanto “Brasil” e “PT”, respectivamente, foram utilizados três e quatro vezes. Esse caso ilustra a afirmação de Cavalcante (2010, p. 3) de que a anáfora 1.1 (por repetição total ou parcial), em gêneros que circulam em jornais, pode “ser altamente significativa” e “intencionalmente” utilizada.

Nessa crônica citada acima, a palavra “Lula”, por exemplo, é repetida ao longo do texto, promovendo a ênfase de uma ideia, de uma concepção política:

(10) A primeira vez que me deparei com uma urna eletrônica foi para votar no **Lula**. E **Lula** se elegeu, depois de três tentativas malfadadas.” / “**Lula** lá, brilha uma estrela.” / “Logo vi que não tinha sido meu voto que fez **Lula** se eleger [...]” / Quem elegeu o **Lula** – isso ficou bem claro – foi o José Alencar [...]” / **Lula** só alugou esse apartamento por quatro anos, porque assinou o contrato de locação [...]” / E **Lula** por quatro anos foi o inquilino dos sonhos [...]” / Mas assim como não fomos nós que elegemos **Lula** [...]. (DUVIVIER, 2015c).

Essa escolha enfática de reforçar os argumentos pela estratégia de referenciação por repetição está ligada, nesse exemplo (10), ao fator político e ao assunto abordado sobre o que são as manifestações para tirar a presidente Dilma do poder. Portanto, ao olharmos para os dados anteriormente citados, fica evidente que a escolha de Duvivier, em seus textos, dialoga com seus propósitos comunicativos de enfatizar o assunto tratado e reflete sua intenção discursiva implícita: de criticar Lula, o PT, e ser contra o impeachment de Dilma. Sendo assim, casos como esses não podem ser apontados como “erros” de emprego de recursos coesivos ou exaustividade do léxico e falta de expressividade no texto.

Além disso, o Quadro 3 demonstra a baixa frequência da anáfora 1.2 (por sinonímia) nos textos de Duvivier: houve apenas quatro ocorrências. Destacamos um exemplo no texto “Mundo, Brasil, Rio, Casa” (DUVIVIER, 2015d), em que “uma ponta” e “beque mal apertado” aparecem como sinônimos de “baseado apagado”. Cabe mencionar que, como já apontado anteriormente na seção 2.1 deste artigo, partindo da teoria da semântica lexical, nenhum sinônimo “é perfeito”, pois devemos considerar o contexto que está inserido.

A escolha do autor por “baseado” e “beque” é basicamente estilística para indicar o referente “cigarro de maconha”, pois esses são léxicos que, no Brasil, cotidianamente são empregados como sinônimos. É importante considerar que o suporte em que são veiculados os textos de Gregório Duvivier, a Folha de S. Paulo, é um jornal de circulação nacional, podendo ser acessado e lido em quase todo o Brasil. Assim, Duvivier, nesse texto, apropria-se

das expressões sinônimas “baseado”, “beque” e “ponta” para fazer-se claro no texto, evitar repetições e qualificar-se como um conhecido no assunto, que utiliza diferentes termos para se referir ao cigarro de maconha, aproximando suas escolhas lexicais do uso e/ou compreensão comum das palavras para quem lê.

Analisemos agora os tipos específicos de anáforas do grupo 2, ou seja, as anáforas correferenciais e recategorizadoras:

Quadro 4: Resultados das anáforas correferenciais e recategorizadoras

Blocos	Tipos	Quantidade
Grupo 2: anáforas correferenciais e recategorizadoras	2.1 Hiperonímia Hiperonímia	10
	2.2 Retomada por termo genérico	01
	2.3 Retomada por descrições nominais	37

Fonte: elaborado pelas autoras.

Como podemos verificar no Quadro 4, predomina o emprego de anáforas por “retomada por descrições nominais” (tipo 2.3), com trinta e sete ocorrências. Esse tipo de retomada anafórica permite ao escritor atribuir propriedades ao referente e, como afirma Koch (2004, p. 251), essa escolha será feita “em cada contexto, em função do projeto comunicativo do produtor do texto” (KOCH, 2004, p. 251).

Podemos ilustrar esse caso com as remissões descritivas encontradas na crônica “Minha avó Ivna” (DUVIVIER, 2015a), no trecho:

(11) Quando se formou em sociologia, nos anos 1930, era a única mulher da faculdade. Foi mãe de três filhos biológicos e de uns 30 adotivos [...]. (DUVIVIER, 2015a).

Duvivier retoma o referente “minha avó Ivna” a partir de descrições, tais como “era a única mulher da faculdade” e “mãe de três filhos” e, no decorrer do texto, fará também a retomada por meio de expressões descritivas como “era escultora”, “pianista”, “astrônoma amadora” e “pessoa maravilhosa”. É notável a atribuição ao elemento retomado (SN) de traços semânticos [- pejorativo], adicionando, na verdade, traços de valoração positiva, como [+ agradável], [+ confiável] etc.

A intenção do cronista, nesse texto, ao empregar as anáforas descritivas, é o de convencer o leitor de que as pessoas podem ter sua opinião política e “gostar/ curtir” ou não o Bolsonaro ou qualquer outro político. Afinal, mesmo sua avó, possuindo todas as qualidades positivas descritas – sendo “uma pessoa maravilhosa” – amava o Collore “talvez fosse uma dessas pessoas” que curtem a página do Bolsonaro no Facebook.

Nesse exemplo citado, portanto, é possível observar a construção de sentido que o autor emprega por meio dos recursos coesivos lexicais, organizando a trama textual de forma a comunicar sua intenção e, possivelmente, convencer o leitor de que sempre haverá pessoas com ideais políticos diferentes, mas que o certo a se fazer é não “perder a ternura jamais” e “trazer as diferenças para perto”.

Ainda no grupo 2, das anáforas correferenciais e recategorizadoras, encontramos com menor frequência o uso do recurso de hiperonímia e de hiponímia (2.1) e as retomadas por termo genérico (2.2).

A retomada anafórica por hiperônimos e hipônimos ocorre, por exemplo, no texto “O último tango do macaco-prego” (DUVIVIER, 2015e), no trecho em que “macacos” é o hiperônimo e “micos” é o hipônimo.

(12) Gringo você que acha que o Brasil é um país onde **macacos** invadem as casas: você tem razão. Quando pequeno, tinha de fechar as janelas, senão os **micos** assaltavam a despensa. (DUVIVIER, 2015d, grifo nosso).

A ideia de macacos é, posteriormente, empregada com a utilização de “o primata”, que pode ser visto como hiperônimo de “macacos”, “macaco-prego” e “micos”. Trata-se da utilização de hiperônimos/hipônimos nos textos e pode ser entendida como uma associação de ideias. Duvivier a utiliza, em sua coluna, com a intenção de tornar o texto “versátil”, como propõe Antunes (2005), brincando com essa relação de maior e menor grau de conhecimento.

Cabe mencionar que, em sua pesquisa, Cavalcante (2010) identificou que a retomada por hiperônimos e hipônimos é “largamente utilizada”, entretanto isso não foi observado em nosso *corpus*. Sendo assim, constatamos que os mesmos recursos analisados a partir de um *corpus* semelhante – uma vez que Cavalcante trabalhou com textos de jornal impresso –, podem apresentar resultados distintos. Assim, por meio de nossas análises, pudemos evidenciar que o processo de referenciação é, antes de tudo, adaptável e pode variar de acordo com as particularidades da escrita e intenções do autor.

Quanto à substituição de um referente por termo genérico (anáfora do tipo 2.2.), em nosso *corpus*, destacamos apenas uma única ocorrência em que o humorista Gregório Duvivier, no texto “A privada e a bicicleta” (DUVIVIER, 2015b), escreve:

(13) Você sabe que lá fora você pode abrir seu laptop na praça, pode deixar a porta aberta, **a bicicleta sem cadeado**. Mas lá fora, não se esqueça, é você quem limpa a sua **privada**. Você já relacionou as duas **coisas**? (DUVIVIER, 2015b).

Nesse exemplo, é evidente⁸ que o termo genérico “duas coisas” é propositalmente utilizado referindo-se ao fragmento “abrir o laptop na praça/ deixar a porta aberta e a bicicleta sem cadeado”, ou seja, a ideia de não se privar de “coisas simples” por saber da segurança do país em que se está morando, mas também da realidade de que toda essa liberdade vem atrelada a deveres que ninguém vai cumprir por você, portanto, a ideia de que “é você quem limpa a sua privada”.

É importante mencionar que acreditamos que o uso de termos genéricos, em nosso *corpus*, não foi produtivo devido às particularidades de escrita do humorista. Duvivier não pretende generalizar seus argumentos (e críticas), ao contrário, organiza-os em seu texto sempre de maneira objetiva e clara.

Por fim, ao analisarmos as anáforas encontradas em nosso *corpus* pertencentes ao grupo 3, das não correferenciais, verificamos os seguintes resultados:

Quadro 5: Resultados das anáforas não correferenciais

Bloco	Tipos	Quantidade
Grupo 3: anáforas não correferenciais	3.1 Anáforas Indiretas	03
	3.2 Anáforas Rotuladoras	0
	3.3 Anáforas Metadiscursivas	01

Fonte: elaborado pelas autoras.

⁸ Além disso, podemos ainda considerar que, em alguns países, o nível de desigualdade social é menor do que no Brasil, por isso a sensação de segurança que permite “abrir o laptop na praça/ deixar a porta aberta e a bicicleta sem cadeado” está associada às condições sociais de determinados países. Isso está atrelado fortemente ao conteúdo temático do gênero textual em questão, sendo assim, é importante levar em conta as características inerentes a ele.

Como podemos observar no Quadro 5, de modo geral, dos três grupos de anáforas, os recursos do grupo 3, das anáforas não correferenciais, são os que foram menos produtivos. Esse resultado é condizente com as particularidades de escrita das crônicas de Gregório Duvivier, ou seja, com as particularidades de escrita do autor e suas intenções. Suas escolhas buscam objetividade e não exigem que seu leitor tenha de fazer inferências para compreender o texto.

Por isso, dentro do grupo 3, como verificamos no Quadro 5, apenas as anáforas indiretas (3.1) e as anáforas metadiscursivas (3.3) tiveram um restrito espaço nos textos de Duvivier, enquanto não foram encontradas ocorrências das anáforas rotuladoras (3.2). No texto “Contratempos” (DUVIVIER, 2015f), podemos observar a presença da anáfora indireta (3.1) no primeiro parágrafo:

(14) Sempre faltou **tempo** para tanta coisa: faltou minuto para tanta música, faltou dia para tanto sol, faltou domingo para tanta praia, faltou noite para tanto filme, faltou ano para tanta vida. (DUVIVIER, 2015f, grifo nosso).

Como já dito anteriormente, a anáfora indireta pode apresentar-se de maneira associativa, como explica Koch (2004, p. 253): “são aquelas relações que podem ser consideradas ‘ingrediente’ do outro” No exemplo citado acima, “tempo”, “minuto”, “dia”, “domingo”, “noite” e “ano” estabelecem uma relação de fragmento do tempo e, portanto, podem ser interpretadas como anáfora associativa. O autor faz esse jogo com as palavras para representar a falta de tempo para dedicar a coisas divertidas, como ir à praia, ver um filme ou ouvir música. Duvivier estabelece essa relação propositalmente, podendo ser entendida por seus leitores, seja quem for, considerando o caráter comunicativo e opinativo da coluna.

No que diz respeito à anáfora metadiscursiva (3.3), observamos apenas um caso em todo o *corpus*, presente em (T-10), com a passagem “Je suis macaco- prego”. Esse trecho pode ser considerado uma anáfora metadiscursiva, pois focaliza uma proposta enunciativa e retoma todo o contexto anteriormente tratado no texto e fora dele. Esse termo está também relacionado ao ocorrido em 2015 na cidade de Paris, França, devido ao assassinato de muitos jornalistas e cartunistas da redação do Charlie Hebdo, na tentativa de “calar” e/ou tirar o direito de liberdade, expressão e crítica desses profissionais. Mario Vargas Llosa, escritor do El País Internacional, sobre esse fato, acrescentou, “A tragédia vivida pela França nestes dias é uma tragédia que afeta todas as mulheres e todos os homens livres deste mundo, que devem repetir como estão fazendo milhões de franceses todos os dias: “Je suis Charlie Hebdo”⁹.

⁹ Maiores informações disponíveis em: <www.brasil.elpais.com/brasil/2015/01/09/internacional/1420842456_901133.html>. Acesso em: 10 jun. 2016.

Em relação às anáforas rotuladoras (3.2.), acreditamos que a ausência de ocorrência, no *corpus* em questão, justifica-se, pois, como destaca Schwarz (2000 apud KOCH, 2004, p. 255), é um tipo de “anáfora complexa”, que não nomeia um referente específico, mas “referentes textuais abstratos, como *estado, fato, circunstância, condição, evento, atividade, hipótese etc.*”, não sendo essa intenção do autor de trazer esse grau de complexidade coesiva a sua coluna.

Certamente, o gênero textual por nós adotado não inviabiliza o uso de anáforas rotuladoras, mas acreditamos que, além da intenção do autor em não empregar esse recurso, há, ainda, uma relação com o gênero textual, coluna de opinião de um jornal, que parece não enquadrar cadeias coesivas como essa. Ao contrário da pesquisa realizada por Bezerra (2013) em livros didáticos de Língua Portuguesa, em que os textos (a maioria gêneros literários) apresentaram um resultado satisfatório e produtivo para anáfora indireta (53%) e anáfora rotuladora (42%), com poucos casos de anáfora metadiscursiva (5%).

Para finalizar, cabe destacar que Gregório Duvivier faz críticas, principalmente sobre políticas e costumes sociais, de forma irônica. Como exemplo, temos o texto “A privada e a bicicleta” (DUVIVIER, 2015b), em que o autor traz uma ironia ácida, porém velada, de uma “certa educação” ao, aparentemente concordar e ridicularizar atitudes da classe social conservadora e de prestígio, como em:

(15) Sei que era por bem que você não queria abolir a escravidão. ‘Se a gente tiver que pagar pelo serviço que os negros faziam de graça, o país vai quebrar’ Você não queria que o Brasil quebrasse. Você não precisava ficar nervoso: o Brasil não quebrou. (DUVIVIER, 2015b).

Já no texto “Os ignorantes do Leblon” (DUVIVIER, 2015g), a crítica feita por Duvivier a si mesmo sobre as comemorações de Páscoa e Natal, estende-se a todos os leitores que se identificam com tal situação. Vejamos o excerto:

(16) Nunca aprendi a rezar o Pai Nosso. Comemorávamos Natal só porque é aniversário da minha mãe. Celebrávamos a Páscoa, mas confesso com bastante vergonha que não faço ideia do que significa. Sim, sei que tem a ver com Jesus. Mas não sei qual era a relação dele com o coelho, e nem por que raios esse coelho põe ovos, e por que diabos são de chocolate. (DUVIVIER, 2015g).

Percebemos a ironia do autor ao se referir a essas comemorações anuais que, a princípio, tinham um significado religioso e que – não que ainda não o tenham –, aos poucos, foram se perdendo. No contexto atual, a Páscoa e o Natal tornaram-se uma oportunidade de comercialização, como, por exemplo, com a venda dos ovos de chocolate.

Acreditamos que o emprego da ironia nesse texto não seja tão evidente e pode ser “notado” (compreendido) por alguns de seus leitores, uma vez que o autor refere-se a si mesmo como “essa pessoa hipócrita, que comemora os feriados apenas pela ideia do que representam”. O que não é tão evidente é que essa autocrítica se estende a quem quer que aja dessa maneira.

Assim, como podemos verificar, no *corpus* selecionado para esta pesquisa, a ironia encontra-se, às vezes, muito clara e ácida; outras vezes, mistificada e velada. E é com o emprego das anáforas lexicais (Quadro 1) que, na maior parte, estão as críticas e, conseqüentemente, instaura-se uma relação humorística, pois Duvivier, a partir da cadeia referencial de seu texto “cutuca” ou “alerta” seus leitores.

6 Considerações finais

Nesse artigo, a partir da análise de crônicas publicadas na coluna de Duvivier na *Folha de S. Paulo*, no ano de 2015, pudemos verificar que o processo de referenciação não é simplesmente um recurso linguístico que atua na progressão textual, mas pode contribuir na orientação discursiva, configurando-se uma escolha estratégica do autor do texto. Verificamos que as expressões anafóricas associativas funcionam como elementos que, segundo princípios semânticos e enciclopédicos (de conhecimento de mundo), relacionam-se ao contexto comunicativo e, desse modo, na interação, reiteram ou reconstroem sentidos do texto. Nossa pesquisa ainda evidenciou que, dentre os recursos nominais coesivos possíveis, as anáforas por descrição nominal não foram tão frequentes como o esperado, e as anáforas por retomada parcial ou total foram as mais utilizadas como recurso para enfatizar alguma ideia ou contribuir na construção de ironias. Nossos resultados diferenciam-se de outras pesquisas já realizadas sobre referenciação, pois apontam que a repetição ou a simples retomada parcial/total podem também ser utilizadas e contribuir para construção de sentido(s) de um texto. Esses tipos de retomadas, quando bem empregados, como no caso de Duvivier, não empobrecem o texto nem o tornam redundante.

As estratégias analisadas só são possíveis, porque o falante/produtor procede a escolhas passíveis de serem negociadas no ato enunciativo e joga com as inúmeras possibilidades de organização do mundo. Acreditamos, portanto, que o emprego dos recursos coesivos lexicais utilizados por Gregório Duvivier seja intencional, pois reflete o seu estilo de escrita e confere ao texto um caráter humorístico, irônico, de fácil acesso e compreensão do leitor. Como vimos em nossa análise e exemplos citados, os textos analisados de Duvivier, em sua maior parte, lançam

mão da ironia, senão em sua totalidade, pelo menos em algumas passagens. Essas ironias podem também estar relacionadas às escolhas dos recursos de referenciação utilizados nos textos pelo autor, contribuindo, assim, para a construção dessas ironias.

Referências

ANTUNES, Irlandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BEZERRA, Lidiane de Moraes Diógenes. Referenciação anafórica: a forma de manifestação dos grupos nominais anafóricos no livro didático de língua portuguesa. **RevLet**, v. 05, n. 02, ago./dez. 2013.

CAVALCANTE, Gessivaldo. A coesão no texto jornalístico: hipônimos e hiperônimos como auxiliares da construção de sentido. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico**, [S.l.], 3. ed., jul. 2010. Disponível em: <http://www.faculadadedondomenico.edu.br/novo/revista_don/artigo1_ed3.pdf>. Acesso em: nov. 2015.

DUVIVIER, Gregório. Minha avó Ivna. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 jan. 2015a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivivier/2015/01/1576903-minha-avo-ivna.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

DUVIVIER, Gregório. A privada e a bicicleta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2015b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/224317-a-privada-e-a-bicicleta.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

DUVIVIER, Gregório. Por que odiar o PT. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2015c. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivivier/2015/08/1666556-por-que-odiar-o-pt.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

DUVIVIER, Gregório. Mundo, Brasil, Rio, Casa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 set. 2015d. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivivier/2015/09/1681276-mundo-brasil-rio-casa.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

DUVIVIER, Gregório. O último tango do macaco-prego. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 out. 2015e. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivivier/2015/10/1690132-o-ultimo-tango-do-macaco-prego.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

DUVIVIER, Gregório. Contratemos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 nov. 2015f. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivivier/2015/11/1712733-contratemos.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

DUVIVIER, Gregório. Os ignorantes do Leblon. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 dez. 2015g. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivivier/2015/12/1723448-os-ignorantes-do-leblon.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

FAVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística textual**: uma introdução. São Paulo: Cortez, 1994.

FRANCISCO, Milton. Maratona Atenas 2004: a (re)categorização em textos jornalísticos. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 167-202, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502007000200001>>. Acesso em: 01 nov. 2015

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Ligia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires. **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antonio. Processo de Referenciação na Produção Discursiva. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 14, n. esp., p. 169-190, 1998.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luis Carlos. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PENNA, Maria Angélica de Oliveira. Construção de sentidos por formas nominais referenciais: anáforas associativas; rotulações e (re)categorizações. **Estudos Linguísticos**, [S.l.], n. XXXV, p. 1303-1314, 2006.

RONCARATI, Claudia. **As cadeias do texto**: construindo sentidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Funções discursivas da coesão lexical em textos do gênero jornalístico. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5., Caxias do Sul, 2009. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/funcoes_discursivas_da_coesao_lexical_em_textos_do_genero_jornalístico.pdf>. Acesso em 29 nov. 2015.